



Piconzé — “Teimoso”, a tartaruga, Piconzé, Maria, “Louro Papo” e “Don Chico Leitão”, personagens que poderão tornar-se populares

# A ODISSÉIA DO “PICONZÉ”

---

ENTREVISTA A ALFREDO STERNHEIM

---

O desenho animado, que, a partir de Walt Disney, teve em todos os grandes centros cinematográficos do mundo, um desenvolvimento extraordinário, não encontrou no Brasil, um acolhimento a altura do entusiasmo que sempre animou nossas tentativas em estabelecer um cinema nacional. Registram-se as primeiras tentativas no gênero empreendidas por Luis Seel e João Stamato, no período de 1929 a 1933, entre os quais **Macaco Feio**, **Macaco Bonito**, que, apesar do primarismo da técnica, não desmerecia, para a época, o "cartoon". Anélio Latini Filho, duas décadas após, empreendeu sozinho e durante sete anos **Sinfonia Amazônica**, rico de idéias, modesto na técnica. Hoje, novamente decorridas duas décadas, o nível de perfeição atingido pelo desenho animado dos "jingles" para TV e a realização de mais um "cartoon" longo, este em cores, **Piconzé** — produzido também, como o de Latini, na base do idealismo e do sacrifício a longo prazo (quatro anos e meio) — abrem novas perspectivas para o gênero em nosso país.

**Piconzé**, que muitos consideram quase tão bom, tecnicamente, como os melhores feitos em centros produtores mais desenvolvidos, talvez seja "a bota de sete léguas" do desenho animado brasileiro. Seus produtores, confiantes na aceitação do filme pelo público, já projetam um novo desenho de longa metragem.

Fomos encontrar estes "pioneiros" nos estúdios da Telstar, em São Paulo, produtora especializada em "jingles" para TV. Conversamos com João Luiz Araújo e Sylvio Renoldi — sócios da empresa e sócios como produtores de filme. João Luiz é o produtor executivo de **Piconzé**. Sylvio Renoldi, produtor e montador, é bastante conhecido pelo trabalho de editor de filmes, alguns deles premiados na sua especialidade. Ippe Nakashima, um japonês de pouco falar e muito desenho, concebeu, desenhou, animou e dirigiu o filme. Os três contam a **FILME CULTURA** a odisséia do **Piconzé**. **FC**

**Filme Cultura** — Como nasceu o "Piconzé"?

**Ippe Nakashima** — Eu só fazia comerciais. Mais para comer. Mas a vida não é só comer. Não queria fazer tudo sozinho. Esperei mais de um ano para ver se alguém escrevia um roteiro, criava os bonecos. Nada. Escrevi tudo, fiz os bonecos e a filmagem também.

**FC** — E quanto tempo foi necessário para fazer o filme?

**Y. N.** — Quatro anos e meio, desde o roteiro pronto até à primeira cópia do laboratório.

**João Luiz Araújo** — Quatro anos e meio por causa do primitivismo do trabalho. O Nakashima tem o "know-how" da longa-metragem, adquirido na Toei e Shochiku onde trabalhou como "free-lancer". E o desenho animado não se faz só com a idéia. Existe também a organização industrial, ou seja, são milhares e milhares de desenhos. A simples organização para a filmagem exige todo um controle de produção.

**Sylvio Renoldi** — Outra coisa que atrapalha é a falta de pessoal especializado, que tem de ser treinado e depois o per-

demos. A cada mês passava uma fase — a fase das tintas, das pranchetas, etc. — e Yppe punha anúncio no jornal e testava as pessoas de 15 a 30 dias, ensinando-as. Havia uma moça que era excepcional. Fazia de 120 a 150 filetagens (fazer o contorno e depois pintar) em 8 horas diárias, quando a média é 80, nesse período.

**FC** — A técnica empregada por vocês foi igual à de Walt Disney?

**S. R.** — Trabalhamos segundo nossas condições: economia no acetato e no movimento dos bonecos. A animação é de um por dois, enquanto lá é um por um.

**Y. N.** — Em cada segundo (24 quadros) no desenho estrangeiro são feitos 72 movimentos, enquanto que no nosso só cinco a seis. E não se nota a diferença. A diferença está na maneira de usar a animação que aqui é usada várias vezes. No Japão trabalham diferente. Fazem um desenho longo, utilizando 200 desenhistas e quatro câmaras.

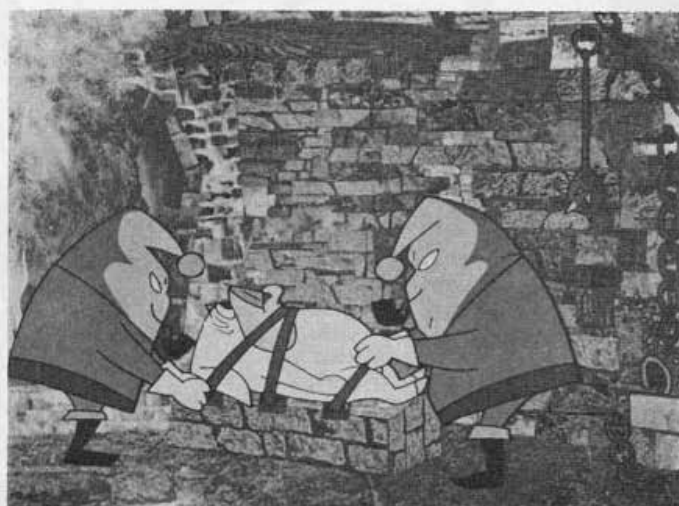
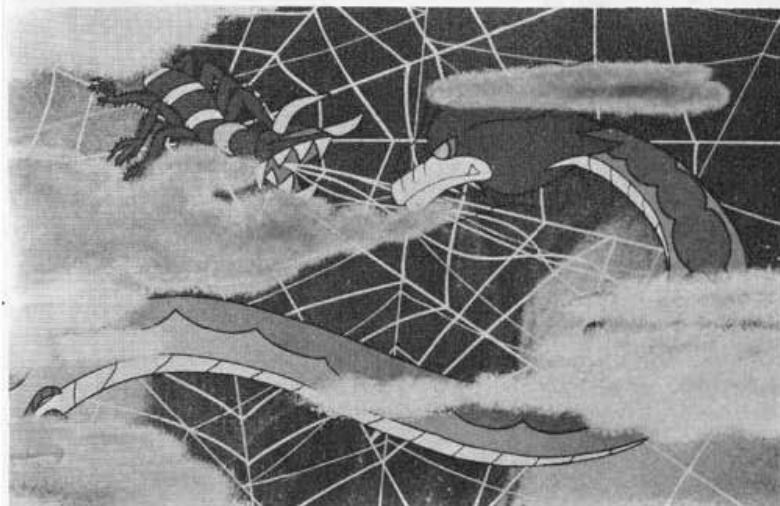
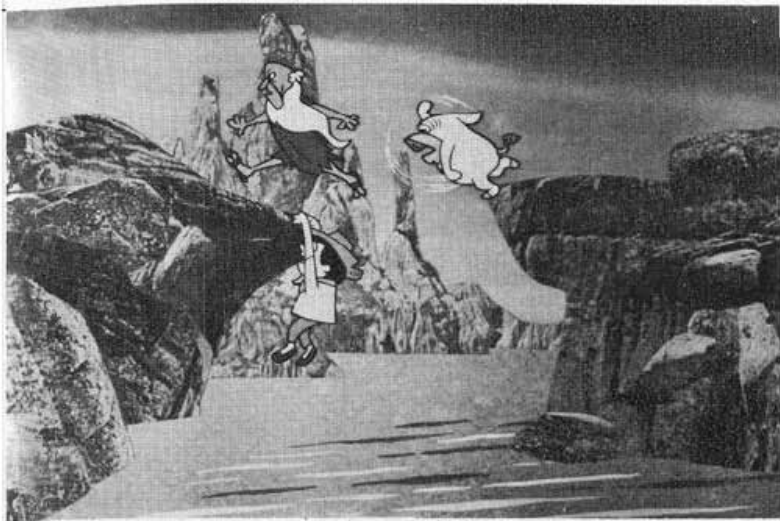
**S. R.** — Se tivéssemos tido dinheiro, teríamos feito em um ano e meio, com menos gente, umas doze pessoas bem treinadas.

**FC** — Como se deu a escolha dos personagens? Por que são usadas figuras do nosso folclore?

**J. L. A.** — Os personagens são gente com personalidade brasileira, de sentimentos brasileiros. O porco é um cara bonachão. O papagaio fala e não resolve nada. Mas a história pode se passar em qualquer lugar, embora haja cangaceiros e caras típicos do interior. Se a gente tem pretensões internacionais, temos de universalizar a coisa. A música, por exemplo, não é regionalista. A música da cena da batalha oferece algo semelhante às baladas de Quincy Jones. É de Damiano Cozzela. Para um desenho animado, música é fundamental. E o trabalho do Cozzela é dos mais criativos, feito com incrível minúcia e se ajusta aos personagens que se preocupam em ser brasileiros. Daí o uso do folclore.

**FC** — Diante da falta de uma tradição de desenho animado no Brasil, vocês não acham arriscado um empreendimento dessa espécie?

**J. L. A.** — É um suicídio, evidentemente, se considerarmos que Walt Disney é um tabu. Ninguém no mundo, nem Bar-



Piconzé tem tudo que um bom desenho animado deve possuir para agradar as platéias de todas as idades — ação e aventuras é o que não falta

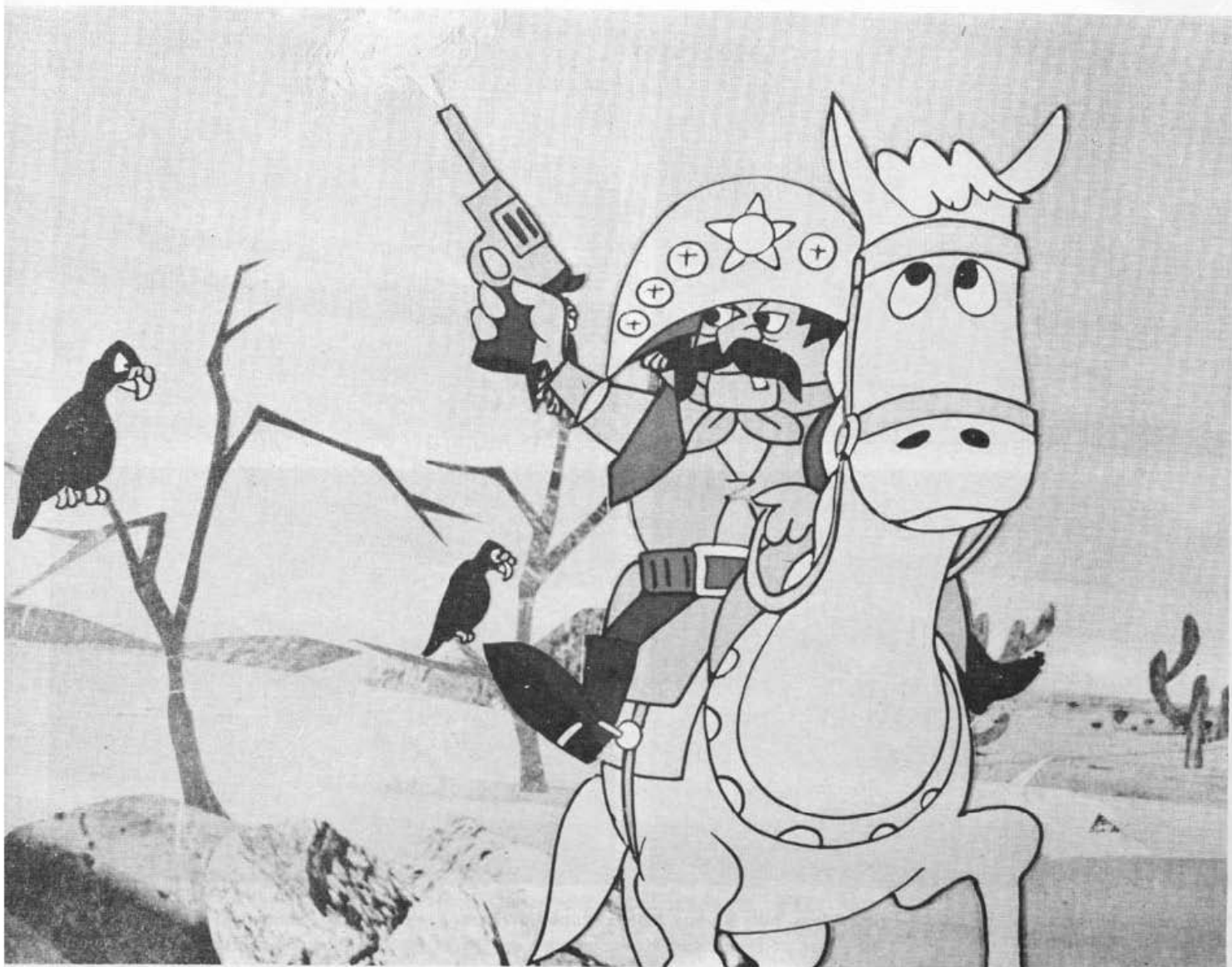
bera, nem a série Asterix, conseguiu chegar perto do sucesso comercial de Disney, que é incrível. Aí cabe algo a ser analisado: a comercialização de um personagem que se chama Zé, e por isso acho que ficou mais difícil de se fazer um filme de grande sucesso. Disney sempre usou figuras tradicionais ("Os Irmãos Grim" ou outros personagens de livros). São figuras populares na cultura infanto-juvenil. Com exceção de "O Sítio do Picapau Amarelo", a literatura infanto-juvenil brasileira inexistente. Os heróis da infância brasileira são determinados patos, ratos com características bem anti-latinas. Então um herói que se chama Zé e carrega um violão, usa um chapéu meio caipira, poderá ser um herói nacional e o começo da nacionalização de personagens, com filosofia e personalidade brasileiras. Entre os estrangeiros existe um pato milionário que é o símbolo errôneo do capitalismo americano. O próprio governo norte-americano faz restrições a esse pato. O Departamento de Estado aconselha aos governos latino-americanos não se deixarem influenciar pelo que ele mesmo chama de imperialismo cultural,

movido por entidades privadas. Com o Piconzé inicia-se a criação de heróis brasileiros. A Mônica é brasileira, não há dúvida, porém se associa mais ao produto anunciado do que a ela mesma. Com o Piconzé se iniciará um ciclo de heróis que realmente representam a mentalidade, o modo de pensar e viver do povo brasileiro. Essa é a nossa intenção.

**FC** — Acha possível haver no Brasil um cinema feito em grande escala, destinado exclusivamente ao público infantil?

**S. R.** — No que se refere ao desenho animado, acho que sim, desde que os órgãos competentes vejam a realidade desse trabalho, suas possibilidades. Na Tcheco-Eslováquia, por exemplo, no Canadá e mesmo nos Estados Unidos, o desenho animado recebe auxílio do governo, porque muitos são utilizados para divulgação de conceitos civis, de limpeza, etc. O próprio Disney foi requisitado durante a guerra para criação de filmes que mostrassem o uso das armas. E outros tipos de trabalho podem ser feitos com o desenho animado, em função ou junto das TVs educativas.

**FC** — Houve alguma preocupação em



**Bigodão, o bandido de Piconzé**

especial com relação à cor ou ao estilo do desenho?

**Y. N.** — Houve mais com os fundos, que são todos feitos em colagem. Não são desenho. E isso é algo próprio, diferente, que tem um efeito sólido. E a paisagem é como a cenografia e as locações num filme ao vivo. Se o ambiente é pobre, o filme pode parecer primário. Esse estilo é algo novo no gênero.

**FC** — Existe muita diferença entre montar um filme com material ao vivo e um desenho animado?

**S. R.** — Existe, porque o desenho animado é praticamente montado no "story-board". Praticamente o desenho já está montado quando está sendo filmado. O trabalho do montador é mais de edição sonora, enquanto que no filme de ficção, não.

**FC** — A experiência acumulada na feitura de **Piconzé** faz prever um novo de-

senho animado? Há algum plano imediato nesse sentido?

**J. L. A.** — Fato curioso: embora o desenho animado tenha sido desenvolvido quase ao mesmo tempo em que se iniciou o cinema, e o Brasil seja considerado com um dos cinemas mais versáteis do mundo, somente em 1972 é que se conseguiu aqui um desenho animado com maturidade profissional. Faz-se no mundo uma média de um desenho animado longo por ano. Na Inglaterra o último foi **Yellow Submarine** (Submarino Amarelo), com os Beatles. A série "Asterix", na França, foi feita para a televisão e não para o cinema. E para a televisão a linguagem é outra. Vê-se daí quanta paciência é necessária, quantas dificuldades existem. Com a experiência que tivemos, creio que o próximo desenho animado que se produzirá no Brasil será, no mínimo, em 1982.